

## Índice

Emigram empregos, vêm trabalhadores.....	1
Queremos mais imigrantes, presidente .....	3

### Emigram empregos, vêm trabalhadores

Se antes, as críticas à globalização vinham dos países invadidos pelos produtos do Ocidente, após a recessão, assiste-se aos protestos da classe trabalhadora dos países ricos, que vê emigrar empregos e chegar imigrantes. Trazer de volta os primeiros e travar os segundos é uma das principais promessas de Donald Trump e um motivo da sua vitória eleitoral. Poderá fazê-lo? Que benefícios proporcionaria? O mesmo acontece na Europa.

Trump com o seu lema de “fazer regressar os empregos”, refere-se aos postos de trabalho perdidos nas manufaturas dos EUA, através da importação de mercadorias mais baratas de países menos desenvolvidos e pela prática de multinacionais norte-americanas de transferir a produção para países com salários mais baixos. Mas fazer regressar o emprego pode ser mais difícil do que fazer regressar tropas.

E não só porque pode desencadear uma guerra comercial com a China e infringir as normas da Organização Mundial do Comércio, como também porque se posiciona contra as correntes económicas que impulsionaram a globalização.

À primeira vista, a evolução do emprego nos EUA não parece má. A taxa de desemprego, que chegou a aproximar-se de 10 % em 2009, baixou para 4,9 % no final de 2016. Em comparação, a Zona Euro regista 10 % de desemprego, a Grã-Bretanha 4,9 %, o Canadá 7 %, a China 4,1 % e a locomotiva alemã 6,1 %. Mas este dado macroeconómico pode servir de pouco consolo para os trabalhadores industriais brancos descontentes com a evolução dos seus salários, entre os quais Trump encontrou uma mina de votos.

### Não há muros contra a globalização

Mas não se trata de um fenómeno recente. Desde meados dos anos 70, os trabalhadores menos qualificados viram reduzir-se os seus rendimentos reais por hora trabalhada, enquanto aumentava o fosso salarial com os trabalhadores mais qualificados. Empregados das manufaturas, confiantes que o trabalho duro levaria à promoção social, verificaram que o seu salário estagnava, que as suas competências ficavam obsoletas ou, inclusivamente, que perdiam o seu emprego devido à deslocalização da produção para outros países de mão de obra mais barata.

Pode Trump mudar isto? Se se empenhar, pode erguer um muro na fronteira com o México - que concretizou já, depois de tomar posse -, mas erguer um muro contra a globalização pode ser inútil. Continuamos ainda a chamar “países industrializados” aos mais desenvolvidos, mas a realidade é que a indústria está a perder importância como antes sucedeu com a agricultura. A “desindustrialização” é um processo natural do desenvolvimento. A indústria, que constituía 23,4 % do PIB dos EUA em 1997, baixou para 19,4 % em 2015. E, dentro desse setor, as manufaturas constituem 12 %.

Cada vez mais a produção industrial é um processo que se efetua em fábricas de diversos países, em muitos casos nos países em desenvolvimento com mão de obra mais barata. Mas as empresas dos países desenvolvidos continuam a controlar os fatores de maior valor acrescentado (patentes, *marketing*, desenho, financiamento). Neste processo, é inevitável que nos EUA fiquem a perder os trabalhadores menos qualificados que sofrem a concorrência dos de outros países.

Para “fazer regressar” o emprego, Trump teria de começar por convencer as próprias multinacionais norte-americanas que fabricam fora por diversas razões (mão de obra mais barata, aproveitamento de recursos naturais na zona, venda nos mercados locais...).

Como triunfo emblemático depois da sua eleição, Trump pode mostrar o acordo com a empresa Carrier em Indianápolis, que fabrica aparelhos de ar condicionado. A Carrier havia anunciado os seus planos de transferir para o México 2300 empregos, e Trump tinha utilizado o caso na sua campanha eleitoral. Depois da eleição, a Carrier decidiu manter em Indianápolis um milhar de empregos, após obter alguns cortes de impostos.

### Efeito das novas tecnologias

Para muitos economistas, o desmantelamento de antigas fontes de emprego nos países desenvolvidos deve-se às mudanças tecnológicas tanto ou mais que à globalização. A introdução das novas tecnologias teve um efeito duplo sobre o emprego: reduziu o volume das indústrias que empregam trabalhadores pouco qualificados e, dentro das indústrias, as empresas pediram trabalhadores mais qualificados. Tudo isto se traduziu num aumento das diferenças salariais entre ambos os tipos de trabalhadores.

Segundo conclui o economista Guillermo de la Dehesa na sua obra “Comprender la globalización”, “a desindustrialização dos países desenvolvidos deve ser considerada como um facto natural do processo de desenvolvimento das economias avançadas, tanto do ponto de vista de uma população com maior nível de rendimento que procura cada vez maiores e melhores serviços, como do progresso técnico, que se centrou no desenvolvimento de conhecimento em face da produção industrial” (p. 88).

Do ponto de vista económico, a importação de bens manufaturados produzidos por mão de obra pouco qualificada dos países pobres equivale a um substituto da imigração: transfere-se o trabalho, não os trabalhadores. Trump terá de escolher entre uma coisa ou outra: se avançar com mais barreiras comerciais, a pressão migratória na fronteira mexicana será maior.

### Comércio na América do Norte

Durante a campanha eleitoral, Trump ameaçou avançar com taxas aduaneiras dissuasoras das importações da China e do México. Também anunciou a sua decisão de se retirar do Trans-Pacific Partnership (TPP) – que igualmente concretizou já, depois de tomar posse – um tratado comercial de 12

países – incluindo EUA, Japão e Canadá – laboriosamente negociado pela Administração Obama e que estava ainda pendente de ratificação.

Irá isto favorecer os trabalhadores dos EUA? Alguns economistas pensam que a retirada é um erro, porque o TPP, ao obrigar esses outros países a elevar os seus padrões laborais e ambientais, iria encarecer os seus custos laborais e assim seriam menos atrativos a empresas dos EUA deslocalizarem para lá a sua produção.

Trump também disse repetidamente que quer renegociar o Tratado de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA), assinado em 1994 com o México e o Canadá. Este tratado eliminou direitos aduaneiros (não todos) na América do Norte, e estabeleceu regras para o investimento, os direitos laborais e o ambiente. Para Trump, “o NAFTA é um desastre total”.

O tratado estimulou sem dúvida o comércio na América do Norte. O Canadá e o México são os principais destinos de exportação dos EUA, à frente da China. Mas com ambos os países, os EUA têm défice comercial: de 58 300 milhões de dólares com o México e 15 500 milhões com o Canadá, em 2015. Daí Trump querer negociar novas regras que sejam mais favoráveis aos EUA.

Tendo em conta que o tratado já tem 23 anos, é bastante razoável que necessite adaptar-se às novas realidades do comércio internacional. O primeiro-ministro canadiano, Justin Trudeau, afirmou que está disposto a fazer alterações no NAFTA. Funcionários do governo mexicano também disseram que não veem inconveniente em atualizar o acordo incluindo novos capítulos (como o comércio eletrónico), mas sem voltar às velhas barreiras de direitos aduaneiros e quotas de exportação.

Se se tiver em conta o comércio intra-industrial (com empresas dos EUA que fabricam parte dos componentes no México e os reimportam), “não se trata de um jogo de soma zero, em que o que ganha os EUA perde-o o México”, explica José Juan Ruiz, economista chefe do Banco Interamericano de Desenvolvimento (“El País”, 22.11.2016). “Os produtos de empresas como a Ford ou a General Motors vão e voltam dos Estados Unidos para o México durante o processo de produção. Não faz sentido pensar que o mundo é tão simples, que ao importar um automóvel, se perde um emprego em Detroit”.

### Travar o “made in China”

Procurar proteger o emprego nacional entrincheirando-se por detrás das barreiras aduaneiras, tem sempre o risco de desencadear guerras comerciais. Este perigo é especialmente grave no caso das relações com a China.

A China passou de quarto fornecedor dos EUA com uma quota de 8,2 % no ano 2000, para primeiro com uma quota de 21,2 % em 2015. E o balanço acusa um défice comercial para os EUA de 365 000 milhões em 2015. Os EUA absorvem somente 16 % das exportações chinesas, mas é o seu mercado mais produtivo.

Se Trump aumentasse unilateralmente as barreiras comerciais para os produtos chineses, encontraria sem dúvida uma resposta. A China poderia travar as importações de automóveis e iPhones, optar pela Airbus em vez da Boeing, colocar entraves à compra de soja e milho dos EUA... E esta guerra poderia deixar pelo caminho muitos empregos nos EUA. Por outro lado, um aumento dos preços de artigos importados, como roupa ou eletrónica, prejudicaria os consumidores norte-americanos mais pobres.

Numa guerra comercial deste estilo, os EUA apareceriam como o mau da fita. Muitos países em desenvolvimento consideram que a sua integração nas cadeias de produção da economia globalizada é a sua melhor oportunidade de crescimento. E os países asiáticos e latino-americanos estão interessados em estabelecer acordos comerciais com a China, não em verem-se envolvidos em confrontos.

Trump disse também durante a campanha eleitoral que pediria ao Secretário do Tesouro que declarasse a China como país que manipula a taxa de câmbio da sua moeda, para mantê-la artificialmente baixa e impulsionar as exportações. O próprio Obama pensava que isto era assim, mas tinha preferido corrigi-lo por meios diplomáticos sem procurar um confronto.

O que está para se ver é se Trump escolhe o caminho do confronto através de medidas unilaterais em defesa dos interesses dos EUA; ou se, depois das ameaças em campanha, adota uma abordagem de negociação no quadro dos tratados existentes. Tão-pouco se deve esquecer que, no jogo de equilíbrios constitucionais nos EUA, o Congresso delega na presidência as negociações comerciais, mas tem a última palavra no momento da aprovação de tratados. E as preocupações do mundo dos negócios encontraram sempre eco entre os republicanos.

I. A.

## Queremos mais imigrantes, presidente

Em 31 de agosto do ano passado, Donald Trump deu a seguinte justificação ao seu plano de erguer um muro ao longo

da fronteira com o México e expulsar os estrangeiros indocumentados: “É verdade que muitos imigrantes ilegais que estão no nosso país são gente boa; mas isso não retira o facto da maioria dos imigrantes ilegais serem trabalhadores de baixa qualificação, com inferior nível de instrução, que competem diretamente contra trabalhadores vulneráveis dos EUA”.

Não sabemos se Trump acabará por conseguir construir um muro tão longo; e quanto a expulsar estrangeiros ilegais, não lhe será fácil bater o recorde de Obama, sob cujo mandato foram deportados três milhões.

Em todo o caso, a sua explicação parece razoável. De facto, grande número de trabalhadores norte-americanos vulneráveis, a “classe operária branca”, viu em Trump o seu defensor e votou nele.

## Faltam imigrantes

Mas tendo Trump anunciado a deportação de imigrantes, os empresários querem que venham mais, [segundo o “The Wall Street Journal”](#) (28.11.2016). A taxa de desemprego encontra-se abaixo de 5 %, e em setores que empregam trabalhadores pouco qualificados falta mão de obra. Há alguns meses estimava-se em 700 000 as vagas na hotelaria e na restauração. 86 % das empresas de construção civil não conseguem satisfazer as suas necessidades de operários, segundo um inquérito das entidades patronais.

São postos de trabalho que antes eram cobertos facilmente com mexicanos e outros imigrantes. De facto, 60 % dos ilegais – que constituem 5 % da população ativa – estão colocados nesses setores, no campo e na indústria transformadora.

Mas já não há tantos mexicanos disponíveis. Agora, [os que regressam](#), superam em número os que entram. O “The Wall Street Journal” menciona várias causas: há menos jovens no México, pois as famílias são mais pequenas; a vigilância da fronteira é mais rigorosa; a crise económica fez perder a atração dos EUA, enquanto as oportunidades no México melhoraram.

E não poderiam os nacionais dos EUA ocupar esses postos de trabalho? Ao fim e ao cabo, a sua taxa de desemprego é ligeiramente superior à dos estrangeiros.

Todavia, são trabalhos duros, que exigem juventude, e a população norte-americana autóctone envelhece perceptivelmente. Também tem um nível de instrução cada vez mais elevado, pelo que diminui a massa de candidatos a empregos pouco qualificados. E muitos que poderiam optar por eles, não os querem. Diz um empresário ao “The Wall Street Journal” que, ocasionalmente, surge um nacional a perguntar se há trabalho, mas pretendendo que lhe paguem sem descontos

para a segurança social, de modo a continuar a cobrar simultaneamente o subsídio de desemprego.

Em tais circunstâncias, não parece que os imigrantes estejam a retirar muitos empregos aos nacionais.

## Estrangeiros sem emprego

Algo de semelhante, em parte, ocorre na Suécia e noutros países do norte da Europa (Dinamarca, Holanda), segundo [destacou a "The Economist"](#) (5.11.2016). Também aí o desemprego é baixo; mas o dos estrangeiros é muito mais elevado (quase mais 11 pontos na Suécia). Nestes casos, os imigrantes não retiram o trabalho aos nacionais porque não o conseguem.

Para completar o panorama, haveria que considerar os países com taxas de desemprego mais elevadas, onde os candidatos a emprego têm menor poder de negociação. Também nesses países, os estrangeiros têm uma taxa de desemprego claramente superior (mais 9 pontos em Espanha, 8 em França). Isto indica que os imigrantes, em conjunto, têm mais dificuldades para obter emprego e, portanto, não são competidores tão fortes para os nacionais. O mesmo se deve deduzir do facto de que o seu fluxo cresce em tempos de bonança e recua nos de vacas magras. Por exemplo, com a crise económica, [a Espanha registou uma forte descida das entradas](#) e um aumento dos regressos.

## Os prejudicados

Em resumo, pode-se dizer que a imigração prejudica alguns trabalhadores, mas não é fácil determinar quais e em que medida. O êxodo de Mariel (Cuba), que levou à Florida mais de cem mil cubanos em 1980, apresenta um caso de laboratório aos economistas. Contudo, as conclusões não são de todo líquidas. Um [estudo](#) de 1990, a cargo de David Card (Berkeley), não encontrou efeito significativo nos salários de trabalhadores pouco qualificados em Miami, e isso indica que os recém-chegados mal mexeram na realidade dos residentes. Mas uma recente [revisão](#) dos mesmos dados por George Borjas (Harvard) deteta, com efeito, que os salários baixaram, embora não muito (5 % no máximo em 20 anos).

A diferença, [segundo a "The Economist"](#) (25.8.2016) é que Card analisou os salários de todos os trabalhadores de baixa qualificação e, pelo contrário, Borjas estuda em separado o dos que abandonaram os estudos antes de terminarem o ensino secundário. Estes, sim, saíram a perder com a concorrência dos *marielitos*.

Mas os nacionais não são necessariamente os prejudicados; pode suceder que alguns imigrantes compitam com outros. A "The Economist" menciona também um [trabalho de Gianmarco Ottaviano e Giovanni Peri](#) sobre a imigração para os Estados Unidos no período 1990-2006. Os investigadores concluem que a chegada de trabalhadores estrangeiros teve um efeito ligeiramente positivo nos salários dos nacionais sem o ensino secundário concluído; mas provocou uma sensível baixa (- 6,7 %) nos salários dos imigrantes que já estavam no país.

R. S.